

**FILOSOFIA DA CURA E CASOS INÉDITOS RESOLVIDOS PELO DR.  
INVEROSSÍMIL DE RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA**

**PHILOSOPHY OF THE CURE AND UNPUBLISHED CASES SOLVED BY EL  
DOCTOR INVEROSSÍMIL OF RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA**

Livia Grotto<sup>1</sup>

**RESUMO:** Estes pequenos contos do escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) fazem parte do livro *El Doctor Inverosímil*, publicado pela primeira vez em 1914. Eles atestam, desde o início de sua produção, a difícil escolha de aliar o trágico ao cômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ramón Gómez de la Serna; *El Doctor Inverosímil*, tradução.

**ABSTRACT:** These small short-stories of the Spanish writer Ramón Gómez de la Serna (1888-1963) are part of the book *El Doctor Inverosímil*, published for the first time in 1914. They attest, since the beginning of his production, the difficult choice of allying the tragic to the comedian.

**KEYWORDS:** Ramón Gómez de la Serna; *El Doctor Inverosímil*, translation.

Publicado pela primeira vez em 1914, *El Doctor inverosímil* do escritor espanhol Ramón Gómez de la Serna (1888-1963), põe em relevo a subjetividade da cura diante de doenças graves, quase sempre terminais. Apesar de abordar a morte na vida, o livro mantém um tom humorado, levemente irônico, que faz parecer tolos e superficiais os casos narrados. Não apenas nessa obra, mas em grande parte da produção de Ramón – como, aliás, preferia ser chamado – esse descompasso entre o trágico e o cômico gerou polêmica desde a sua primeira produção, na década de 1910.

O inverosímil marca o estabelecimento de uma reordenação do mundo por meio das ações do Dr. Vivar, mais conhecido como Dr. Inverosímil. Ele sabe que a morte é um processo natural, desde que ela não tenha sido causada por uma desordem. Nesse caso, a cura pode restabelecer o curso normal da vida. Assim, todas as desordens são objeto de preocupação, do ponto de vista espacial (as casas ou os objetos mal dispostos conduzem a desarranjos orgânicos difíceis de solucionar), econômico (os avaros, por exemplo, sofrem diversos distúrbios), temporal (o passado das personagens tanto quanto o pó acumulado

---

<sup>1</sup> Livia Grotto é bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), junto à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Dedicou-se ao estudo comparado de *Historia universal de la infamia* de Jorge Luis Borges y *Doña Juana la loca, superhistoria* de Gómez de la Serna. Seu mestrado abordou a obra do escritor argentino Ricardo Piglia. Correio eletrônico: liviagrotto@gmail.com.

podem levar à morte), moral (a relação com o outro ou com a posse do que foi de outro são geralmente nefastas), psicológico (abundam os casos de luto e de amores mal resolvidos, de loucos ou dementes), ou a desordem corporal (mudanças físicas que conduzem à detecção da anomalia). Frequentemente as doenças são curadas com o uso adequado dos objetos, sem abusos: assim os espelhos, os relógios, os brinquedos, os adornos ou roupas, os móveis, os livros, etc. Mas o Dr. Inverossímil também admite fracassos, em menor escala, é verdade, além de dar conselhos ou tecer reflexões baseadas em seu método prático de observação dos desvios que levam às enfermidades.

O texto utilizado como base para a tradução dos excertos que se seguem de *El Doctor inverosímil* está no vol. IX das *Obras Completas* de Ramón Gómez de la Serna, organizado por Ioana Zlotescu e publicado pela Editora Galaxia Gutenberg de Barcelona em 1997. Procurou-se manter o uso de inversões sintáticas, de vocábulos peculiares, de neologismos e jogos de palavras.

### **O consolo da morte**

— Se não tivesse sido inventada a morte, não teríamos nascido – digo, para consolar o medo de morrer dos meus doentes.

— Como? – costumam me perguntar.

— Pois porque teria estado o mundo tão cheio de gente, que nossa geração de nenhum modo poderia nascer... Muito antes de nós, um mundo cheio de gente teria fixado o LOTADO, erguido no mais eminente da vida... Se não tivesse sido pela morte, não teríamos podido saciar nossa curiosidade, e todas essas gerações que esperam a vez, e nas quais se repete nossa curiosidade, não poderiam ver nada.

— Sim, mas e não ver o novo?

— O novo?... Acreditem, não merece a pena esperar; depois de tudo..., o que vem se parece com o que passou... É como nessas sessões contínuas de cinematógrafo em que se repete de novo a primeira parte do programa quando se chega a certo ponto.

No fim parece que se dão conta e se resignam meus doentes, quando não dão essa chicotada com a cabeça, que é como o estalido da vida que não quer de nenhum modo admitir essa possibilidade.

Entrando nesse trâmite de consolo, que é como a extrema-unção por meio da palavra simples e sensata, lembro-me de que morreu um de meus doentes, desses doentes impossíveis, a cuja cabeceira me chamam, inutilmente, muitas vezes...

— A morte – lhe ia dizendo – é precisamente o deixar de concebê-la... Onde menos está a morte é no morto... O morto está à margem da idéia da morte... A morte fica em nós, que a olhamos; ele a arremessa nas mãos dos vivos e se desprende dessa idéia desagradável...

O doente havia se tornado pálido, e suas olheiras foram correndo para a bochecha como duas lágrimas sujas.

— A morte... – disse gaguejando, e com uma voz que partia do porão da morte...

Não pôde dizer mais. Era aquilo; havia dito imóvel, e nem estremeceu sequer.

Nunca ouvi dizer “a morte” com mais clareza, mais a partir da morte, com mais vazia ressonância.

Não esquecerei aquele “A... MORTE...”, que era o começo do parágrafo da verdadeira definição, ainda que realmente ele tivesse abandonado a palavra e dormido, esquecido da morte.

## **Os espelhos**

Outro caso me fez sair de casa nessa última temporada e viver noutra meio ao que me é usual e grato.

Fui àquela casa patricia para encontrar a origem da doença consumidora da aristocrática daminha. Tudo estava bem ordenado, com folga. Aquele era um palácio confortável, claro, quase sem cantos nem vãos injustificados. Apenas me fixei nos numerosos espelhos que ajanelavam as paredes com janelas de engano.

— Aqui está a causa do mal... A desubstancialização pelos espelhos é atroz... Olhando-se muito no espelho, encontrando-se muito com ele, pode-se ter até câncer... Eu conheci uma pessoa que tinha a mania de que ia ter um câncer na língua... Não tinha nem antecedente na família nem nada que justificasse aquilo; mas como estava sempre olhando e mostrando a língua para o espelho, o teve.

De fato; depois de vários dias tendo voltados ao revés os espelhos, começou a achar a disposição de sua matéria e hoje lhe dei alta. Presenteou a suas amigas com mais de cinquenta espelhos.

### **Essa é a mesma**

Os doentes costumam perguntar tantas coisas, que tornam insuportáveis suas consultas.

— Que será isto que sinto aqui?

— Que será essa dor que me toma deste lado quando acabo de comer?

— Que serão estas palpitações que atacam deste lado como se pulsasse uma ferida?

— Essa dor no flanco é grave?

— De manhã sinto um abismo tão grande no estômago que parece que vou cair com ele.

— Sinto nas plantas dos pés umas dores tão agudas e penetrantes como se pisasse em espinhos.

Etc., etc.

Eu, para acalmar todas essas dores, não utilizo mais que uma frase: “Essa é a mesma”.

Isso acalma instantaneamente os doentes, é como se os lembrasse de algo grave que já soubessem, e ficam calados. É instantânea a eficácia dessa asseveração.

E o doente solta um “Ah!” de sabedoria, de saciedade, de “Ah! Isso também”.

Claro que se ele perguntasse: “e *essa* o que é?”, eu não encontraria claramente o *essa* do que é também *essa* outra; mas a natureza gosta de se referir com tranqüilidade a outra coisa e o que mais a assusta é complicar seus males.

É como se a um louco se dissesse a palavra que o acalma, que o adormece instantaneamente.

Na realidade, ao dizer “Essa é a mesma”, é como se déssemos a cheirar e adormecesse o doente com uma espécie de cloroformização instantânea.

### **O chinês**

Quando me disseram que era um chinês agregado da embaixada o que estava doente, tive talvez uma das incertezas maiores de meu espírito. Se eu havia resolvido doenças raras, a do chinês iria ter nós tão pequenos e conformação tão meticulosa que eu não ia acertar.

O chinês me desconcertou sobre as almofadas e entre os lençóis, amarelo como um morto. Depois pensei que os chineses saudáveis sempre devem parecer mortos encostados em seus leitos, e talvez seja por isso que as mulheres galantes não queiram ir com eles.

Já tudo ia dar errado para mim naquela diagnósticação. Seu pulso era um pulso de relógio agudo e *acentuador* dos minutos.

— Veja como tenho inchadas as palmas das mãos – disse-me o chinês mostrando suas mãos. Fiquei surpreendido com aquele doente que dava tão grande importância a algo que para mim não tinha tido nunca.

— Além disso, doutor, simpatizo com a cor encarnada, parecida com a da crista do galo – me indicou de novo o chinês como querendo me orientar, e, no entanto, me desorientando cada vez mais... Houve um momento em que estive para lhe recomendar qualquer coisa inofensiva e desaparecer...

— Eu sou fanático pelo *Wuy Kim*, o grande livro de medicina de meu país, a Bíblia, para chamar como vocês chamam seu melhor livro – e depois de me dizer isso me deu a edição francesa do *Wuy Kim*.

No silêncio em que estava metido e para me reabilitar um pouco, comecei a folhear o *Wuy Kim* e encontrei várias curiosidades, entre elas, que consideram cinquenta e duas espécies de varíola, distinguindo-as por sinais fugazes e insignificantes; varíolas da asa do nariz vermelha, preta, transparente, pontiaguda, achatada, separada, acumulada.

Colhi sangue do chinês e também observei sua saliva no microscópio.

Os micróbios do chinês eram micróbios mais inquietos e com algo de letrinhas chinesas, essas letrinhas que parecem *vibriões* e *bacilos*.

O caráter desta doença podia-se dizer que era penetrante e miúdo, inquieto e sutil. Parecia-se com esses trabalhos chineses, intrincados, pacíficos, cheios de minuciosidades.

Era o indicado curar-lhe com numerosas bolinhas da homeopatia e, de fato, com confeitos homeopáticos foi com o que pude curar o chinês, mas dando-lhe em grande quantidade, aos punhados.

### **A guilhotina**

Nada fazia temer aquele desenlace. Eu trabalhava. Ela dormia. Entre nós se interpunham nada mais que os tique-taques dos relógios.

Algumas vezes se perdia sua respiração, mas reaparecia em seguida como um Guadiana vivo que só ele sabe por que fez isso e por onde foi durante a desapareição.

O tique-taque do relógio vai perfurando o mundo, vai consumindo até Deus. É a serra-sutil do universo.

Na nossa cabeça temos o contador do tempo, assim como o contador de luz está guardando o gasto de luz na antecâmara escura.

Eu de vez em quando pensava como sempre no tempo, com o ouvido esquerdo que era o que dava ao relógio, depois o ajustava para um pouco mais longe e ouvia sua respiração.

Assim foi até que anunciando como se soltasse toda a corda do relógio, soou uma *meia*. Aquela *meia* foi como a guilhotina desmornada sobre sua cabeça, o que indubitavelmente a matou. Desde então, tenho um grande pavor e encolho o pescoço quando sinto a cortante rotundidade das *meias* horas.

Com tudo o que tenho de doutor Inverossímil, me morreu aquela mulher sem que eu pudesse evitar, ainda que possa diagnosticar do que morreu.

### **A escada**

Era um mal do coração tão parecido o do esposo e o da esposa, que isso me desorientou! Em males assim do coração não pode haver contágio. Aquilo era porque um mesmo fato lhes havia ocasionado a quebra do ritmo do coração.

— E uma vizinha tem a mesma coisa – ouvi que dizia como quem não diz nada, a esposa.

— Em qual andar? – perguntei.

— No de cima do nosso.

— Posso subir para vê-la?

— Sim. Eu o acompanho – me disse o esposo.

De fato, a vizinha tinha a mesma coisa que o casal: uma estranha desarmonia no coração.

Sem dar ainda com a causa, mas sabendo que estava fora deles, me fui. Ao subir a escada no dia seguinte, reparei nos degraus.

“Devia ter reparado antes!”, disse censurando-me.

Eram os degraus desiguais, com uma desproporção que raras vezes têm os degraus, que são altos ou baixos ou regulares; mas não assim, alternados, uns de um jeito e outros de outro.

Realmente o graduado daquela escada era completamente absurdo, e sem dúvida nenhuma naquilo estava o mal do coração que seguramente acometia outros vizinhos.

Interrompiam o coração, o entorpeciam ao fazer confiar num ritmo de graduado regular para depois variar imediatamente. A sístole e diástole do coração eram transtornadas materialmente.

Disse isso ao subir e, como nessas casas que vão desabar, todos os vizinhos queriam se mudar naquele mesmo dia, e pouco a pouco se foi desabitando a casa da doença do coração, que, conhecida por esse nome no bairro, teve que modificar a escada. Meus clientes, como era de se esperar, se curaram do mal.